

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**O Estudo da Religião da Grande
Deusa nas Escrituras Indianas e o
Canto I do *Devī Gītā***

FLÁVIA BIANCHINI

Orientador: Prof. Dr. Fabricio Possebon

Julho - 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida, sem a qual não teria sido possível a minha dedicação total ao presente trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) pela oportunidade de realizar meus estudos neste programa.

Agradeço ao professor Fabricio Possebon pela orientação e por abrir espaço em sua agenda de trabalho para ministrar um curso introdutório de Sânscrito.

Agradeço ao professor Deyve Redyson Melo dos Santos por sua acessibilidade e abertura para com todos os alunos, tornando mais leve a jornada acadêmica.

Agradeço à professora Maria Lucia Abaurre Gnerre pela coordenação do Grupo PADMA de estudos orientais e pelos projetos e publicações desenvolvidos por este grupo.

Agradeço especialmente ao professor Roberto de Andrade Martins por seu infinito apoio e orientações, sem os quais não teria chegado ao término desta dissertação.

Agradeço à “Suprema Deusa”, foco deste estudo, que me inspirou e conduziu na realização destes estudos, e por orientar meus passos e caminho espiritual.

Agradeço a *Śrī Gaṇeśa* e a *Agni Deva* pela remoção dos obstáculos e pela proteção espiritual, muito necessários ao longo desta jornada.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido e companheiro, Roberto de Andrade Martins, por todo o imenso apoio, infinito amor e infinita compreensão nas horas difíceis.

Sem o seu apoio e compreensão, nas inúmeras vezes em que pensei em desistir deste mestrado, eu não teria chegado até aqui. Sem seu apoio, orientação, correções e sugestões não teria concretizado esta pesquisa e não teria percorrido o caminho até aqui. Agradeço infinitamente pela sua compreensão e amor.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo a religião da Grande Deusa nas escrituras indianas e, especialmente, no Canto I do *Devī Gītā*. Tal religião, que faz parte do Hinduísmo, se manifesta por meio do movimento devocional denominado Śāktismo, cujas raízes se encontram na antiga tradição do *Veda*, mas que só se constituiu como um movimento independente, embasado em concepções próprias, no período medieval indiano. Este estudo apresenta um vasto panorama do desenvolvimento do Śāktismo, desde o período védico até o período medieval tântrico indiano, apresentando informações sobre as divindades femininas e sobre outros temas fundamentais para a compreensão da religião da Grande Deusa. A dissertação culmina com a tradução e comentário do Canto I do *Devī Gītā*, obra que pertence ao *Devī Bhāgavata Purāṇa*. Esta escritura é reconhecida como uma fonte importante no reconhecimento do Śāktismo enquanto culto independente e como a obra mais antiga conhecida na qual a Deusa indiana é apresentada como divindade suprema, como Realidade Última e fonte de toda a criação.

PALAVRAS-CHAVE:

Devī Gītā, Śāktismo, Grande Deusa, escrituras indianas, história do Śāktismo, Hinduísmo.

ABSTRACT

The subject of this dissertation is the religion of the Great Goddess in Indian scriptures, especially in the first *canto* of *Devī Gītā*. This religion, belonging to Hinduism, presents itself as a devotional movement called Śāktism. Its roots lie in the ancient Indian Vedic tradition, but it only became an independent movement, with its own original concepts, in the Medieval period of India. This study presents a vast outlook of the development of Śāktism, from the Vedic age to the medieval Tantric Indian period, presenting information on the female deities and about other fundamental topics for the understanding of the religion of the Great Goddess. This dissertation culminates with a translation and commentary of *canto* I of the *Devī Gītā*, a work belonging to the *Devī Bhāgavata Purāṇa*. This scripture is recognized as an important source leading to the recognition of Śāktism as an independent cult, and it is the oldest extant work where the Indian Goddess is presented as the supreme deity, as the Ultimate Reality and as the source of all creation.

KEYWORDS:

Devī Gītā, Śāktism, Great Goddess, Indian scriptures, history of Śāktism, Hinduism.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO 1. A GRANDE DEUSA NA ÍNDIA – DA PRÉ-HISTÓRIA AO PERÍODO MEDIEVAL TARDIO | 10 |
| 1.1 Período Pré-Vêdico | 11 |
| 1.2 O Período dos <i>Vedas</i> | 18 |
| 1.2.1 Divindades femininas nos <i>Vedas</i> | 19 |
| 1.2.2 <i>Rudra</i> e as divindades femininas | 23 |
| 1.2.3 <i>Aditi</i> , a deusa ilimitada..... | 25 |
| 1.2.4 <i>Virāj</i> , a deusa soberana | 27 |
| 1.2.5 O poder divino feminino: <i>Māyā</i> | 28 |
| 1.2.6 A Deusa, ou deusas? | 29 |
| 1.3 <i>Śrutis</i> do Período Pós-Vêdico | 30 |
| 1.3.1 As deusas nos <i>Brāhmaṇas</i> | 32 |
| 1.3.2 <i>Rudra</i> e deusas associadas, nos <i>Brāhmaṇas</i> e <i>Āraṇyakas</i> | 36 |
| 1.4 <i>Upaniṣads</i> | 37 |
| 1.4.1 Conceitos fundamentais das <i>Upaniṣads</i> | 39 |
| 1.4.2 A deusa <i>Umā</i> na <i>Kena Upaniṣad</i> | 42 |
| 1.4.3 <i>Īśvara</i> , o Governante..... | 44 |
| 1.5 Período Formativo ou Épico (600 a.C. até 300 d.C.)..... | 45 |
| 1.5.1 Os movimentos devocionais (<i>bhakta</i>)..... | 49 |
| 1.5.2 <i>Karma</i> , ciclo de renascimentos, libertação | 50 |
| 1.5.3 Os quatro objetivos humanos (<i>puruṣārthas</i>)..... | 54 |
| 1.6 Os Épicos <i>Mahābhārata</i> e <i>Rāmāyana</i> | 56 |
| 1.6.1 As principais divindades dos Épicos | 57 |
| 1.6.2 Identificação de <i>Śiva</i> e <i>Viṣṇu</i> a <i>Brahman</i> | 59 |
| 1.6.3 As deusas nos Épicos | 60 |
| 1.6.4 A esposa de <i>Rudra</i> | 61 |
| 1.6.4 <i>Durgā</i> no <i>Mahābhārata</i> e no <i>Harivaṃśa</i> | 64 |
| 1.6.5 A tendência de fusão de deusas no Período Épico..... | 67 |

| | |
|--|-----|
| 1.7 As deusas indianas na arte e na arqueologia no Período Formativo..... | 69 |
| 1.8 Os <i>Darśanas</i> Indianos..... | 75 |
| 1.8.1 O sistema <i>Sāṅkhya</i> | 75 |
| 1.8.2 O <i>Yoga</i> de Patañjali..... | 80 |
| 1.8.3 <i>Advaita Vedānta</i> | 80 |
| 1.8.3 <i>Viśiṣṭādvaita Vedānta</i> | 83 |
| 1.9 A Era Clássica da Índia – o Período Gupta (300-700 d.C.)..... | 85 |
| 1.10 Período purânico | 87 |
| 1.10.1 <i>Purāṇas</i> | 89 |
| 1.10.2 <i>Mahā-Purāṇas</i> | 91 |
| 1.11 Alguns temas mitológicos importantes..... | 95 |
| 1.11.1 O sacrifício de <i>Dakṣa</i> | 95 |
| 1.11.2 Os <i>Śākta-pīṭhas</i> | 95 |
| 1.11.3 A morte do demônio-búfalo <i>Mahiṣa-Asura</i> | 96 |
| 1.12 O <i>Devī-Māhātmya</i> , do <i>Mārkaṇḍeya Mahā-Purāṇa</i> | 97 |
| 1.13 Civilização Indiana Clássica tardia ou posterior (600-1000 d.C.)..... | 100 |
| 1.14 A Grande Deusa nos <i>Upa-Purāṇas</i> | 102 |
| 1.15 Origens dos <i>Tantras</i> | 106 |
| 1.16 As <i>Śākta Upaniṣads</i> | 109 |
| 1.17 Śaktismo Medieval Antigo (1000-1300 d.C.) e o Śaktismo Medieval Posterior (1300-1700 d.C.)..... | 111 |
| 1.17.1 Os <i>Purāṇa Śāktas</i> do período medieval indiano..... | 113 |
| 1.17.2 O culto de <i>Durgā</i> | 115 |
| 1.17.3 A relação entre <i>Durgā</i> e <i>Rāma</i> | 116 |
| 1.17.4 <i>Śakti</i> na corrente <i>Vaiṣṇava</i> | 117 |
| 1.17.5 <i>Śakti</i> na corrente <i>Śaiva</i> | 118 |
| 1.17.6 O movimento <i>Nātha</i> e a <i>Śakti</i> | 119 |
| 1.17.7 Literatura do Tantrismo Medieval <i>Śākta</i> | 120 |
| 1.17.8 Tantrismo Medieval <i>Śākta</i> | 123 |
| 1.17.9 Os <i>Śākta Pīṭhas</i> nos <i>Tantras</i> | 126 |

CAPÍTULO 2. O *DEVĪ GĪTĀ* DO *DEVĪ BHĀGAVATA PURĀṆA* E A DEUSA *BHUVANEŚVARĪ*..... 127

| | |
|---|------------|
| 2.1 Um <i>Purāṇa</i> dedicado à Deusa | 127 |
| 2.2 <i>Devī Gītā</i> – O Cântico da Deusa..... | 132 |
| 2.3 <i>Devī Gītā</i> e suas relações com as demais escrituras indianas | 137 |
| 2.3.1 O <i>Devī Gītā</i> em relação aos <i>Vedas</i> | 137 |
| 2.3.2 O <i>Devī Gītā</i> em relação às <i>Upaniṣads</i> e ao <i>Advaita Vedānta</i> | 138 |
| 2.3.3 O <i>Devī Gītā</i> em relação à tradição Purânica e outros <i>Gītās</i> | 141 |
| 2.3.4 O <i>Devī Gītā</i> em relação ao <i>Tantra</i> | 143 |
| 2.4 A Deusa <i>Bhuvaneśvarī</i> | 144 |
| 2.5 <i>Bhuvaneśvarī</i> , o espaço e <i>Aditi</i> | 145 |
| 2.6 <i>Bhuvaneśvarī</i> e <i>Virāj-Svarūpa</i> | 147 |
| 2.7 A concepção da Deusa no <i>Devī Gītā</i> | 149 |
| 2.8 A Ilha das Joias | 152 |
| 2.9 <i>Bhuvaneśvarī</i> e as <i>Daśa Mahāvidyās</i> | 155 |
| 2.10 <i>Bhuvaneśvarī Dhyānam</i> | 158 |
| 2.11 A mitologia de <i>Bhuvaneśvarī</i> | 161 |
| 2.12 <i>Bhuvaneśvarī</i> e <i>Tripurā Sundarī</i> na <i>Devī Upaniṣad</i> | 162 |
| CAPÍTULO 3. TRADUÇÃO, ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CANTO I DO <i>DEVĪ GĪTĀ</i> | 164 |
| 3.1 Apresentação | 164 |
| 3.2 Metodologia adotada..... | 165 |
| 3.3 Contexto do Canto 1 | 165 |
| 3.4 Tradução do Canto 1 | 167 |
| 3.5 DG I.1 – <i>Paraṃ mahas</i> | 186 |
| 3.6 DG I.2 – <i>Śravaṇa</i> | 189 |
| 3.7 DG I.2 – <i>Amṛta</i> e a libertação | 192 |
| 3.8 DG I.3 – Os objetivos da vida humana | 193 |
| 3.9 DG I.3 – <i>Satī</i> e os <i>Śākta-pīṭhas</i> | 194 |
| 3.10 DG I.5 – <i>Samādhi</i> e <i>svarūpa</i> | 198 |
| 3.11 DG I.6-8 – <i>Śakti</i> | 199 |
| 3.12 DG I.9-14 – O <i>asura Tāraka</i> | 200 |
| 3.13 DG I.15-19 – <i>Viṣṇu</i> e a deusa | 201 |
| 3.14 DG I.20-25 – A adoração da deusa pelos <i>devas</i> | 202 |

| | |
|--|------------|
| 3.14.1 <i>Puraścaraṇa karma</i> | 202 |
| 3.14.2 <i>Yajña</i> | 204 |
| 3.14.3 Observâncias rituais (<i>vrata</i>)..... | 204 |
| 3.14.4 Os momentos adequados para os votos e rituais..... | 205 |
| 3.14.5 <i>Samādhi</i> | 209 |
| 3.14.6 Recitação de hinos, <i>mantras</i> e nomes da deusa | 209 |
| 3.14.7 Severas austeridades (<i>tapas</i>)..... | 210 |
| 3.14.8 Sacrifício interno (<i>antaryāga</i>) | 210 |
| 3.14.9 Prática de <i>nyāsa</i> | 211 |
| 3.14.10 <i>Pūjā</i> | 212 |
| 3.14.11 Recitação do <i>hrllekhā mantra</i> , <i>Hrīm</i> | 213 |
| 3.15 DG I.26-31 – O surgimento da deusa | 215 |
| 3.16 DG I.32-41 – A forma icônica da deusa | 217 |
| 3.17 DG I.44-48 – Nomes e epítetos da deusa..... | 221 |
| 3.18 DG I.49 – A forma cósmica <i>Virāj</i> | 225 |
| 3.19 DG I.50 – A deusa como <i>Māyā</i> | 226 |
| 3.20 DG I.51 – A deusa como <i>Brahman</i> , o Absoluto | 229 |
| 3.21 DG I.52 – A deusa como Eu ou <i>ātman</i> | 231 |
| 3.21.1 As cinco camadas (<i>kośa</i>)..... | 233 |
| 3.21.2 Os estados de consciência (<i>avasthā</i>)..... | 234 |
| 3.22 DG I.53 – Os <i>mantras Hrīm</i> e <i>Om</i> | 235 |
| 3.23 DG I.54-64 – <i>Devī</i> concede aos <i>deva</i> o que eles pedem..... | 237 |
| 3.24 DG I.65-69 – <i>Himālaya</i> agradece à deusa por se tornar sua filha | 239 |
| 3.25 DG I.70-74 – Diálogo final entre <i>Himālaya</i> e a deusa | 241 |
| 3.25.1 O processo de renascimento | 242 |
| 3.25.2 <i>Yoga</i> da devoção e do conhecimento | 243 |
| 3.26 – Glossário do Canto I do <i>Devī Gītā</i> | 244 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 251 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 253 |

INTRODUÇÃO

A Índia é um país no qual encontramos uma grande variedade de religiões. Além daquelas que se originaram naquela região – como Hinduísmo, Budismo, Jainismo e Sikhismo –, existem praticantes do Islamismo, do Cristianismo e de outras correntes religiosas que vieram de fora. Aproximadamente 80% da população indiana atual é praticante do Hinduísmo. No entanto não há uma homogeneidade dentro dessa linha religiosa, pois ela é extremamente diversificada, podendo ser considerada como um conjunto de religiões, em vez de uma religião única.

O Hinduísmo reconhece um grande número de seres divinos e um Ser Supremo impessoal, denominado *Brahman*. Uma das formas de expressão religiosa popular na Índia é a devoção a alguma dessas divindades (*Devas*) que são consideradas como manifestações do Ser Absoluto (*Brahman*). *Brahman* é desprovido de gênero, não possui templos, nem estátuas, nenhuma representação iconográfica e não se realizam cultos a *Brahman*. Mas há *Devas* (masculinos) e *Devīs* (femininas) que são escolhidos por cada hindu como divindades a serem cultuadas.

As principais correntes do Hinduísmo atual são identificadas a partir da divindade que é considerada mais importante. As mais importantes são: *Vaiṣṇava* (no qual a divindade principal é *Viṣṇu*), *Śaiva* (*Śiva*), *Śākta* (*Śakti*, ou *Devī*), assim como a *Smārta*, que aceita um grupo de divindades entre as quais a pessoa pode fazer sua escolha pessoal (especialmente *Ganeṣa*, *Śiva*, *Śakti*, *Viṣṇu*, *Sūrya*).

A palavra *Devī*, em sânscrito, significa “deusa” e *mahā* significa “grande”. A Grande Deusa (*Mahā Devī*) também é chamada *Śakti* (a Poderosa) ou *Mahā Śakti*. A palavra *Śakti* significa “energia” ou “poder”. O poder cósmico é concebido como o princípio ativo do universo e é personificado como uma deusa. Desta *Śakti* primordial procedem todas as outras formas de atividade, e por isso ela é adorada sob muitos diferentes nomes, como *Devī* ou como a Mãe, de onde tudo provém.

No Hinduísmo *Śākta* a Grande Deusa é considerada a divindade primordial, da qual se origina toda a realidade, incluindo todos os *Devas* e *Devīs*. A Grande Deusa da Índia é a manifestação mais grandiosa do aspecto divino feminino que se conhece. Em muitas civilizações diferentes, de diversas épocas, surgiram divindades femininas; mas em nenhum outro tempo histórico, cultura ou país uma divindade feminina aparece como a

Divindade Suprema. Na tradição indiana ela é equivalente ao próprio *Brahman*, o Absoluto. Essa singularidade assinala a relevância deste estudo.

A tradição indiana apresentou, ao longo do tempo, uma grande variedade de divindades femininas. Quando cada uma delas é considerada como uma entidade distinta, não se trata propriamente da religião da Grande Deusa. No entanto, a partir de certo período histórico, fica clara a ideia de uma única Deusa primordial, que pode se manifestar sob diferentes formas – as muitas deusas. Assim, dependendo do texto e do período considerado, *Parvatī* pode ser considerada uma dentre muitas deusas da tradição indiana, ou como um dos nomes de *Mahā Devī*. Por isso, além das denominações mais amplas como *Devī* e *Mahā Śakti*, a Grande Deusa tem um enorme número de nomes e epítetos. Deve-se, no entanto, tomar cuidado para distinguir entre o culto das *devīs* e o culto de *Mahā Devī*. Este último tem um importante papel na religiosidade indiana especialmente a partir do primeiro milênio da era cristã, em uma época que corresponde ao Período Medieval europeu¹.

A religião indiana da Deusa – o Śāktismo² – é uma das linhas espirituais indianas pouco estudadas no Brasil. Há escasso material traduzido para o português, embora exista uma vasta bibliografia em outros idiomas. Sob o ponto de vista internacional, a grande quantidade de obras publicadas e de escrituras indianas encontradas sobre o assunto, mas ainda não traduzidas, demonstra o quanto este tema é importante. No entanto deve-se salientar que a religião da *Śakti* foi fonte de desdém e preconceito nos estudos realizados pelos primeiros estudiosos europeus sobre o tema, pois o seu culto estava, em geral, conectado com o que era considerado como a face mais degradada do Hinduísmo, a saber: sacrifícios tanto de animais quanto de seres humanos; rituais tântricos considerados impuros devido à mistura de castas; e ingestão de alimentos e bebidas estimulantes.

Nota-se que não existe nenhuma pesquisa realizada no Brasil que aborde especificamente o tema do pensamento religioso sobre a Grande Deusa ou estude uma de suas principais escrituras – o *Devī Gītā*. Encontramos algumas dissertações e teses

¹ Costuma-se falar sobre o Período Medieval indiano como correspondente ao mesmo período histórico do Período Medieval europeu; mas trata-se apenas de uma equivalência cronológica, não havendo semelhança entre as situações históricas nas duas regiões.

² Vamos utilizar a expressão aportuguesada “Śāktismo” para indicar a religião da *Śakti* ou *Devī*. A palavra sânscrita *Śākta* é utilizada tanto para representar essa corrente religiosa quanto para identificar os seus devotos ou seguidores.

brasileiras que tratam sobre assuntos próximos (Gonçalves, 2009; Salvador, 2009; Oliveira, 2010; Souza, 2010), mas nenhuma delas se aprofunda diretamente no conteúdo da religião da Deusa – o Śāktismo, nem aborda essa obra em particular.

Outro fator importante para a escolha deste tema foi a percepção de que, nas últimas décadas, há uma crescente quantidade de movimentos espirituais e sociais de retorno ao culto da Deusa Mãe, da espiritualidade de origem matriarcal, do paganismo feminino, do retorno à Natureza (Vieira, 2011). O estudo dessas formas religiosas, que tem se intensificado nas últimas décadas, abriu uma nova frente de pesquisas na História das Religiões, que, até meados do século XX, estudava quase exclusivamente a religiosidade masculina (Kinsley, 2002). Nesse contexto atual, torna-se evidente a importância social de estudos a respeito da tradição religiosa indiana associada à feminilidade. O debate acadêmico em torno das questões de gênero tem crescido no âmbito internacional, inclusive no trato de temas relacionados ao feminino nas culturas e escrituras orientais, como podemos ver nas obras de John Stratton Hawley, David Kinsley e Lise Mckean. Sob esse aspecto – a presença e manifestação do feminino nas religiões –, esta pesquisa pretende dar uma contribuição relevante, tendo em vista a carência de estudos orientados nesta área no universo das ciências das religiões no Brasil.

Dessa forma, percebendo a relevância de empreender um estudo sobre o Śāktismo, esta dissertação tem como objeto de pesquisa o estudo da religião da Grande Deusa na Índia, a partir de uma contextualização histórica. Para isso, apresenta um levantamento de obras da literatura sânscrita que conduziu à criação da corrente *Śākta*, e analisa um dos textos fundamentais dessa tradição. O texto escolhido foi o Canto I do *Devī Gītā* ou “cântico da Deusa”, no qual a deusa Bhuvaneśvarī se apresenta como sendo a Realidade Última. Esta parte final da dissertação permite ao leitor ter um contato direto com um texto significativo da literatura indiana sobre a Grande Deusa.

O *Devī Gītā* faz parte do sétimo livro do *Devī Bhāgavata Purāṇa*, uma escritura considerada muito importante, por seu conteúdo e colocações espirituais, no que se refere à religião da Grande Deusa. A datação desse *Purāṇa* é incerta; alguns autores consideram que ele foi composto entre os séculos VII e IX d.C.; outros supõem que seria dos séculos XI ou XII (Brown, 1990, p. 8). Essa obra é considerada uma das escrituras fundamentais para a consolidação histórica do Śāktismo.

Esta dissertação apresenta a tradução do Canto I do *Devī Gītā* realizada partir de traduções para a língua inglesa³, acompanhada de um extenso comentário. Foram utilizadas as quatro únicas traduções de que temos conhecimento: a de Swami Satyananda Saraswati (*Devi Gita*. Napa: Devi Mandir, 1985); a de Cheever Mackenzie Brown (*The Devī Gītā. The song of the Goddess: a translation, annotation, and commentary*. Delhi: Indian Books Centre, 1999); uma tradução antiga realizada por Swami Vijñanananda⁴, cuja primeira edição é de 1921-1922 (*The Śrīmad Devī Bhāgavatam*. New Delhi: Munshiram Manoharlal, 2007); e a tradução publicada sob o nome de Rai Bahadur Śrīśchandra (*Śrīmaddevībhāgavatapurāṇam*: Delhi: Eastern Book Linkers, 2010). Esta última, como será comentado posteriormente, não é uma tradução independente, baseando-se na de Swami Vijñanananda.

O principal autor de referência para a presente pesquisa foi Cheever Mackenzie Brown, que é uma das principais autoridades do mundo ocidental sobre a Grande Deusa indiana. Este pesquisador norte-americano, professor da Trinity University⁵, obteve seu título de bacharel em História pela Universidade de Stanford, em 1967, e seu doutorado em História das Religiões pela Universidade de Harvard, em 1973, com um estudo sobre a Grande Deusa indiana. Sua tese foi publicada sob a forma de livro no ano seguinte, com o título *God as mother: a feminine theology in India. An historical and theological study of the Brahmavaivarta Purāṇa* (Brown, 1974). Continuou, nas décadas seguintes, estudando a tradição indiana da Grande Deusa, publicando em 1990 um estudo sobre o *Devī Bhāgavata Purāṇa* (Brown, 1990), e, em 1998, uma tradução comentada do *Devī Gītā* (utilizamos a segunda edição: Brown, 1999). Em 2002 publicou uma versão um pouco diferente de sua tradução do *Devī Gītā*, sem os comentários detalhados (Brown, 2002). Todas estas obras foram utilizadas na presente pesquisa.

Mackenzie Brown comenta que a tradução mais antiga do *Devī Gītā*, por Swami Vijñanananda, apresenta vários problemas, tais como misturar o texto com um comentário sânscrito de Nilakantha, utilizar um estilo empolado e desajeitado e apresentar alguns erros

³ Não foi possível traduzir a obra a partir do original em sânscrito por falta de domínio desse idioma.

⁴ Swami Vijñanananda foi o responsável pela primeira tradução completa e publicação de um *Śākta Purāṇa*, o *Śrīmad Devī Bhāgavatam*.

⁵ Ver dados pessoais em <<http://www.trinity.edu/departments/religion/facprofile-brown.html>>, acesso em 04/09/2012.

sérios (Brown, 1999, p. 33). A tradução de Swami Satyananda Saraswati é considerada por Mackenzie Brown como “menos confiável e geralmente mais confusa e criadora de equívocos do que seu predecessor da década de 1920” (Brown, 1999, p. 33). Portanto, essas duas outras traduções serão utilizadas com cautela.

Verificamos que a quarta versão, publicada sob o nome de Rai Bahadur Śrīśchandra⁶, não é uma tradução independente. Trata-se de uma nova edição da tradução de Swami Vijñanananda com as seguintes alterações: foi introduzido o texto em *devanāgarī* utilizando uma edição realizada por Pushpendra Kumar (a obra de Swami Vijñanananda só apresentava a tradução para o inglês); a tradução foi subdividida em estrofes, seguindo o texto sânscrito (na edição original muitas estrofes eram apresentadas juntas); e os termos transliterados existentes na tradução foram normatizados (por exemplo: Vyāsa foi substituído por Vyāsa).

É importante realizarmos uma breve apresentação sobre os demais autores.

Swami Vijñanananda é o nome religioso de Hariprasanna Chattopadhyaya (1868-1938), também conhecido como Hari Prasanna Chatterji. Hari Prasanna nasceu em Belgharia, Kolkata, Índia. Durante sua adolescência foi um discípulo direto de Sri Ramakrishna. Estudou engenharia e trabalhou durante alguns anos nessa profissão, publicando dois livros sobre o assunto. Em 1896 fez seus votos religiosos, adquirindo o novo nome, com o qual publicou suas obras filosóficas e religiosas. Escreveu uma biografia de Ramakrishna (*Paramahansa-charit*, publicado em 1904), traduziu dois textos astronômicos sânscritos (*Sūrya Siddhānta*, em 1909, e *Bṛhat Jātakam*, em 1912), uma obra importante da tradição *Vaiṣṇava* (*Narada Pancharatram*, 1921) e a tradução completa do *Devī Bhāgavata Purāṇa* (1922). Iniciou a tradução do *Rāmāyaṇa* de *Vālmīki*, mas só chegou a completar as duas primeiras partes, antes de falecer. Swami Vijñanananda passou um tempo considerável no Ramakrishna Math, tornando-se o Presidente da Missão Ramakrishna em 1937. Foi sob sua presidência e supervisão direta que o Templo Ramakrishna em Belur Math foi construído e consagrado. Foi um grande estudioso da tradição indiana (Vijñanananda, 2007, p. [i])⁷.

⁶ A folha de rosto do livro indica: “English translation by Rai Bahadur Śrīśchandra” e não há qualquer outra explicação sobre a autoria na obra.

⁷ Ver também informações disponíveis na Internet, em: <<http://www.belurmath.org/vijnananda.htm>>, acesso em 10/06/2013.

Não foi possível localizar o nome original de Swami Satyananda Saraswati. Norte-americano, nascido no final da década de 1940, viajou para a Índia na segunda metade da década de 1960, onde permaneceu por quinze anos, antes de regressar aos Estados Unidos. Estudou o pensamento religioso *Śākta*, recebendo iniciação de um *guru* no culto de *Caṇḍī* (recitação ritual do *Devī Mahātmya*) e na cerimônia do fogo, em 1971. Depois do seu retorno aos Estados Unidos, dedicou-se à difusão do culto *Śākta*, juntamente com Shree Maa. Swami Satyananda Saraswati vem da linhagem Dashnami de Adi Shankaracharya, cujos Swamis recebem a designação *Saraswati*, “que denomina os sannyasis que são estudiosos e vivem a vida de um brâmane”⁸.

A tradução publicada por Swami Satyananda Saraswati tem diversas peculiaridades. Embora o *Devī Gītā* corresponda aos dez capítulos finais (31 até 40) do sétimo livro do *Devī Bhāgavata Purāṇa*, este autor incluiu também parte do capítulo 29 (a partir da estrofe 19) e todo o capítulo 30; assim, sua tradução contém 12 capítulos, em vez de 10. Além disso, adicionou antes e depois do texto extraído do *Devī Bhāgavata Purāṇa* anexos destinados à leitura ritual da obra (Saraswati, 2003, p. 7-27, 236-269), cuja origem não esclareceu no seu livro. Entramos em contato com o autor, por correio eletrônico, mas em sua resposta ele também não explicou sua seleção de textos.

Quanto a Rai Bahadur Śrīśchandra: depois de muitas buscas não foi possível encontrar informações sobre essa pessoa. A editora *Eastern Book Linkers*, que publicou a obra, não respondeu aos pedidos de esclarecimento sobre o autor. Como a tradução que lhe é atribuída contém o texto em sânscrito editado pelo professor Pushpendra Kumar, foi feito um contato com a Universidade de New Delhi para tentar obter informações. No entanto o professor Pushpendra Kumar sequer sabia da existência deste livro⁹. Também não souberam informar quem seria o suposto tradutor para língua a inglesa (Rai Bahadur Śrīśchandra). Posteriormente, notei que a tradução de Swami Vijñanananda tem no início uma dedicatória: “Inscribed to the sacred memory of Rai Bahadur Srisa Chandra Vidayarnava by the translator Swami Vijnanananda”; e o Prefácio informa: “Esta tradução foi dedicada à sagrada memória de meu amigo, o falecido Rāi Bāhādur Śrīs Chandra Vidyārṇava, que me induziu a realizar a tradução desta obra” (Vijñanananda, 2007, p.

⁸ As informações pessoais sobre Swami Satyananda Saraswati foram extraídas da seguinte página da Internet: <<http://www.shreemaa.org/who-we-are/meet-swami-satyananda-saraswati/>>, acesso em 06/09/2012.

⁹ Comunicação pessoal, por e-mail, no dia 10 de setembro de 2012.

[vii]). Portanto, Rai Bahadur Śrīschandra não é o nome de um tradutor, e sim uma pessoa que já havia falecido em 1921 e a quem Vijñanananda dedicou sua tradução.

Para exemplificar as diferenças encontradas nas traduções para a língua inglesa, e também como uma amostra das várias possibilidades de tradução dos termos sânscritos, foi selecionada uma estrofe do *Devī Gītā*, como se apresenta nas três traduções:

devīm vācamajanayanta devā-stām viśvarūpāḥ paśavo vadanti |
sā no madreṣamūrjaṃ duhānā dhenurvāgasmānupa suṣṭutaitu || I.46 ||

I.46. *The gods created the Goddess speech, whom animals of all sorts speak. This speech is pleasing to us, this cow yielding food and strength. She is well praised; may she come to us.* (Brown, 1999, p. 69) – Os deuses criaram a Deusa fala, que os animais de todos os tipos falam. Esta fala nos é agradável, esta vaca que proporciona alimento e força. Ela é bem elogiada; possa ela vir até nós.

I.46. *We take refuge to Thee, the Durgā, the Devī, we bow down to Thee, that can well make others cross the ocean of Samsāra; so that Thou helpst us in crossing this terrible ocean of world. Mother! The Devas have created the words (i.e. the words conveying ideas are uttered by the five Vāyus, Prāṇa, etc., which are called the Devas) which are of the nature of Viśvarūpa, pervading everywhere, like the Kāma Dhenu (the heavenly cow yielding all desires, riches, honours, food, etc.) and by which the brutes (the gods) become egotistical. O mother! Thou art that language to us; so Thou fulfilllest our desires when we praise and chant hymns to Thee.* (Vijñanananda, 2007, p. 704; Śrīschandra, 2010, p. 809) – Nós tomamos refúgio em Ti, *Durgā*, *Devī*, nós nos curvamos a Ti, que podes muito bem fazer os outros cruzarem o oceano do *Samsāra*; assim, ajudai-nos a cruzar este terrível oceano do mundo. Mãe! Os Devas criaram as palavras (ou seja, as palavras que transmitem ideias que são proferidas pelos cinco *Vāyus*, *Prāṇa* etc., que são chamados de *Devas*) que são da natureza de *Viśvarūpa*, permeando todos os lugares, como *Kāma Dhenu* (a vaca celeste que proporciona todos os desejos, riquezas, honras, alimentos etc.) e pelas quais os brutos (os deuses) se tornam egoístas. Ó mãe! Tu és aquela linguagem para nós; assim, satisfaça nossos desejos quando louvamos e cantamos hinos para Ti.

I.46. *The Gods have offered forth many loving vibrations to the Goddess. All living beings call Her the form of the Universe. May she who is like a cow*

granting all desires, Giver of Bliss and Strength, the form of all sound, may that Ultimate Goddess, being pleased with our hymns, present Herself before us. (Saraswati, 2003, p. 84) – Os Deuses ofereceram muitas vibrações amorosas à Deusa. Todos os seres vivos a chamam de forma do Universo. Possa ela, que é como uma vaca que concede todos os desejos, doadora de felicidade e força, a forma de todos os sons, possa aquela Deusa Suprema, estando satisfeita com nossos hinos, apresentar-se diante de nós.

Vemos que a tradução de Vijñananda, reproduzida por Śrīśchandra, introduz muitos comentários que são difíceis de separar do texto propriamente dito. Alguns estão entre parênteses, mas outros não (como no início do parágrafo transcrito acima).

A tradução de Satyananda Saraswati adiciona, também, alguns elementos que não estão presentes no texto em sânscrito. Porém a tradução de Mackenzie Brown também não pode ser considerada inquestionável e deve ser comparada com as demais.

Através da presente pesquisa tentamos esclarecer as características desse sistema religioso (o Śāktismo), abordando suas bases conceituais, seu conjunto de normas e métodos de adoração. Apresentamos um estudo sobre o papel do *Devī Gītā*, procurando esclarecer as contribuições específicas desse texto (quanto às doutrinas e práticas), comparando-o a alguns outros textos anteriores e do mesmo período, assim como às concepções filosóficas de outros sistemas do pensamento indiano. O trabalho exigiu, por um lado, uma vasta pesquisa sobre a religião da Grande Deusa na Índia, e, por outro, o aprofundamento em uma escritura específica – o *Devī Gītā*.

O presente texto está dividido em uma Introdução e mais três capítulos.

O primeiro capítulo apresenta um histórico das concepções a respeito das divindades femininas no pensamento indiano, da pré-história até o período medieval indiano, quando ocorre o desenvolvimento do Śāktismo, na tradição dos *Purāṇas* e dos *Tantras*.

O segundo capítulo apresenta o *Devī Bhāgavata Purāṇa* e fornece uma visão geral do *Devī Gītā*, indicando também sua relação com os diferentes tipos de escrituras indianas que são centrais para o estudo do Śāktismo. Este capítulo discorre também sobre a deusa *Bhuvaneśvarī*, que é a divindade feminina central do *Devī Gītā*, apresentando também sua concepção em diferentes contextos, revelando o seu papel e natureza.

O terceiro capítulo contém uma tradução, análise e comentário do Canto I do *Devī Gītā*, acompanhada do seu texto em sânscrito seguido pelo comentário detalhado de muitos

aspectos importantes do Canto I do *Devī Gītā*, utilizando diversas outras fontes para esclarecer esse texto. Essa tradução é precedida por uma introdução que aborda questões relativas à metodologia adotada e alguns tópicos relevantes para sua compreensão. Há também um Glossário dos termos sânscritos mais importantes do Canto I do *Devī Gītā*.

Os três capítulos são seguidos pelas considerações finais a respeito do trabalho que foi realizado.

Veremos que o estudo do *Devī Gītā* permite lançar um novo olhar sobre o culto da Grande Deusa indiana, a partir de um enfoque acadêmico que visa mostrar a conexão que esse texto específico possui com uma longa história da religião da Deusa na Índia, ao longo de milhares de anos.